



DANIEL 9:27 POR JOÃO CALVINO¹

Na última preleção explicamos como Cristo confirmou o pacto com muitos durante a última semana; pois Ele congregou os filhos de Deus de seu estado de dispersão, quando a devastação da Igreja assumiu um caráter extremamente terrível e miserável. Embora o Evangelho não fosse instantaneamente promulgado entre as nações estrangeiras, todavia somos corretamente informados que Cristo confirmou o pacto “**com muitos**”, visto que as nações foram diretamente chamadas à esperança da salvação (cf. Mateus 10:5). Embora Ele proibisse os discípulos de pregarem então o Evangelho aos gentios ou aos samaritanos, contudo os instruiu dizendo que muitas ovelhas viviam dispersas pelo mundo fora, e que estava próximo o dia em que Deus construiria um só aprisco (João 10:16). Isso se cumpriu após sua ressurreição. Durante sua vida terrena, Ele começou a antecipar levemente a vocação dos gentios, e assim interpreto estas palavras do profeta: — “**Ele confirmará o pacto com muitos**”. Pois tomo a palavra “**muitos**”, aqui, “**lā-rab-bîm**” (“**לְרַבִּים**”), comparativamente em referência “**aos gentios fiéis unidos aos judeus**”². É muitíssimo notório que o pacto divino esteve depositado por um tipo de direito hereditário com os israelitas até que o mesmo favor se estendesse também aos gentios. Portanto diz-se que Cristo renovou o pacto de Deus não só com uma nação, mas em termos gerais com o mundo como um todo. Aliás, admito o uso da palavra muitos como sendo para todos, como no quinto capítulo da Epístola aos Romanos e em outras partes (v. 19), mas ali parece haver um contraste entre a Igreja antiga, crustada (limitada) dentro de estreitas

¹ João Calvino, Comentário de Daniel, Edições Parakletos, Volume 2, p. 268 – 274.

² Isso concorda com a Escritura — Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque Ele é a nossa paz, o qual de “ambos os povos [gentios fiéis unidos com judeus]” fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, isto é, a Lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo [“pacto com muitos”], matando com ela as inimizades (Efésios 2:13 – 16 – ACF) — nota do revisor.





fronteiras, e a Igreja nova, a qual se estende ao mundo inteiro. Sabemos que muitos, outrora estrangeiros, têm sido chamados das regiões longínquas da terra por meio do Evangelho, e assim reunidos aos judeus por meio de aliança, ao ponto de todos desfrutarem da mesma comunhão e todos reconhecidos como igualmente filhos de Deus.

O profeta agora adiciona: — **“Ele fará cessar o sacrifício e a oblação durante metade de uma semana”**. Devemos relacionar isso com o tempo da ressurreição. Pois enquanto Cristo atravessava o período de sua vida terrena, Ele não pôs termo aos sacrifícios; mas depois de oferecer-se como vítima, então todos os ritos da Lei chegaram ao termo final. Pelas palavras **“sacrifício e oblação”** o profeta aponta para todas as cerimônias, sendo uma parte expressa pelo todo; como se ele dissesse: — **“depois que Cristo se ofereceu em sacrifício eterno, todas as cerimônias costumeiras da Lei foram abolidas; pois de outra forma a morte de Cristo teria sido supérflua, caso Ele não pusesse fim a todas as velhas sombras da Lei”**. Embora os sacrifícios continuassem por muitos anos depois da morte de Cristo, todavia não podemos mais chamá-los **“legítimos”**, pois não se pode apresentar nenhuma razão para que os sacrifícios da Lei ainda agradassem a Deus, exceto sua referência àquele modelo celestial que Moisés viu no monte (Êxodo 25:40). Daí, depois que Cristo se manifestou e expiou todos os pecados do mundo, fez-se necessário que todos os sacrifícios cessassem (Hebreus 8:5). Essa é a intenção do profeta quando diz que Cristo faria cessar os sacrifícios durante metade de uma semana. Ele abarca dois pontos ao mesmo tempo: — **“primeiro, Cristo real e eficientemente pôs fim aos sacrifícios da Lei; e, segundo, Ele provou isso ao mundo através da pregação do Evangelho por seus apóstolos”**. Observamos, pois, o sentido no qual Deus testificou por meio de seu profeta a cessação dos





sacrifícios depois da ressurreição de Cristo. O véu do templo então se rasgou em duas partes; foi proclamada a verdadeira liberdade; os fiéis, pois, podiam sentir-se homens plenamente amadurecidos, e não mais sujeitos àquele governo infantil ao qual se sujeitaram sob a Lei.

Agora vem a lume a segunda sentença do versículo: — já a lemos antes, mas agora a repetimos para renovar a memória. E sobre a extensão ou expansão das abominações ele causará espanto, ou estupefação; e isso até a consumação e determinação, ele se derramará sobre o assolador. Alguns traduzem: — **“ela será derramada ou destilada”**. Discutiremos as palavras mais adiante. A passagem é obscura, e poderia ser traduzida numa variedade de formas, e por conseguinte os intérpretes diferem muito entre si. Alguns tomam, “kanaph-kə-naḗ” (“קנף”), **“uma asa”**, por um **“querubim”**; então mudam os números do singular para o plural, e crêem que o profeta está falando de querubim alado. Isso propicia aos que adotam tal tradução um duplo método de explicá-la. Alguns dizem que **“a abominação estará acima das asas”**, ou, seja, a arca do concerto, porque o templo foi profanado e a abominação foi tão desastrosa que destruiu até mesmo o próprio querubim.

Outros o toma no sentido causal — **“as abominações serão por causa do querubim”**. Eu, porém, ignoro essas sutilezas, uma vez que não me comunicam qualquer solidez.

Outros seguem também a versão grega, como citada por Cristo no capítulo 24 de Mateus e outros lugares. Embora Cristo pareça antes fazer menção da mesma abominação, não insistirei neste ponto; apenas farei observação sobre a tradução de uma palavra. Aqueles que traduzem **“as abominações da desolação”** tratam as palavras de Daniel de forma demasiadamente displicente, como se não





houvesse nenhuma dependência gramatical de uma palavra com a outra, ou, tecnicamente falando, nenhum estado de regime. A opinião preferível é aquela que considera a palavra **“asa”** no sentido de extremidade ou extensão. Outros, ainda, tratam **“extremo”** como se significasse um estado de desespero; como se o anjo dissesse: — **“por conta da extremidade das abominações, enquanto males se acumulam sobre males, sem fim, até que os problemas chegaram ao ponto extremo de desespero”**. Outros explicam ainda **“a asa das abominações”** mais simplesmente pela expansão propriamente dita, como se o anjo declarasse que o templo seria publicamente profanado, e a impureza seria muito mais evidente.

Os intérpretes diferem uma vez mais sobre as palavras **“מְשֹׁמֵם”**, “mesmen–mə–šō–mêm”, e **“מְעֵי”**, “sem–em”, geralmente traduzidas **“tornar-se desolado”** e **“desolação”**. Há quem toma a primeira transitivamente; e outros, como neutra; a segunda significando destruir e devastar, e também admirar e ficar atônito. Penso que essas duas palavras devem ser usadas no mesmo sentido; com se o profeta dissesse **“que todos ficarão atônitos na mesma extensão das abominações”**; quando perceberem o culto do templo sendo varrido por um dilúvio, então **“ficarão profundamente atônitos”**. Em seguida ele acrescenta a calamidade que começou quando Deus mostrou que a contaminação do templo se destilaria ou se derramaria sobre aquele que se sentisse atônito. Discutiremos a própria ocorrência para capacitar-nos a entender melhor o sentido das palavras. Não hesito declarar que o intuito de Deus era **“subtrair dos judeus toda esperança de restauração”**, os quais, bem o sabemos, foram cegados por uma insensata confiança, pressupondo que a presença de Deus se confinaria ao templo visível. Enquanto eram assim inabalavelmente convencidos da impossibilidade de Deus jamais afastar-se deles, seriam privados de sua falsa





confiança e não mais se iludiriam por essas promissoras e ilusórias esperanças. E assim a contaminação temporária do templo foi mostrada por Ezequiel (10:18). Pois quando os profetas proclamavam incessantemente a aproximação dos inimigos com o fim de destruir a ambos, **“cidade e templo”** [como aquilo que ocorreu no ano 70 d.C. – nota do revisor], a maioria do povo escarnecia deles. Em sua opinião, isso subverteria toda sua confiança em Deus, como se considerasse falsa sua palavra, ao prometer-lhes descanso perpétuo no Monte Sião (Salmos 132:14). Aqui Ezequiel relata sua visão de Deus assentado no templo – **“Ele, pois, desapareceu e o templo foi privado de toda sua glória”**. Mas isso foi apenas temporariamente.

Agora, porém, passamos a tratar da profanação do templo, o que deve provar se eu posso usar a frase eterno e irreparável. Sem a mais leve dúvida, esta profecia cumpriu-se quando a cidade foi capturada e subvertida e o templo totalmente destruído por Tito, filho de Vespasiano. Isso explica satisfatoriamente os acontecimentos aqui preditos. Alguns consideram a palavra “abominação” como sendo usada metaforicamente e para significar a subversão da cidade; mas isso me parece muito forçado. Outros a explicam como indicando a estátua de Calígula erigida no templo; e outros, ainda, como indicativo da bandeira de Tibério, o qual ordenou que as águias (romanas) fossem colocadas no pináculo do templo. Eu, porém, a interpreto simplesmente como indicativo da profanação que ocorreu depois que o Evangelho começou a ser promulgado e do castigo infligido sobre os judeus quando perceberam que seu templo ficou sujeito às mais grosseiras formas de desconsagração, visto que não se dispuseram a admitir o unigênito Filho de Deus como sua verdadeira glória. Outros, ainda, como sendo as doutrinas e superstições ímpias, bem como os perversivos erros com que os sacerdotes se imbuíram. Eu, porém, penso que a passagem marca a





mudança geral que ocorreu diretamente depois da ressurreição de Cristo, quando a obstinada impiedade do povo foi plenamente detectada. Foram, pois, convocados ao arrependimento; ainda que tivessem se esforçado em extinguir toda esperança de salvação radicada em Cristo, todavia Deus estendeu-lhes a mão e testou se sua perversidade era ou não passível de cura. Depois que a graça de Cristo foi obstinadamente rejeitada, então seguiu-se a extensão das abominações; ou, seja, **“Deus subverteu o templo em total ruína, e fez com que sua santidade e glória se desvanecessem totalmente”**. Embora essa vingança não ocorresse imediatamente depois de expirar a última semana, todavia Deus vingou-se suficientemente de seu ímpio desprezo por seu Evangelho; e, além disso, **“Ele mostra como não mais carecia de algum templo visível, uma vez que agora Ele dedicou a si o mundo inteiro, desde o oriente até o ocidente³”**.

Agora volto uma vez mais à explanação das palavras em separado. Diz o anjo: — **“Sobre a extensão das abominações, espanto ou espantoso”**; pois alguns acreditam ser a palavra um adjetivo, e outros, um substantivo; mas o significado é este: — **“todos ficariam estupefatos, ou atônitos”**. Eu não faço nenhuma objeção ao significado já indicado, ou, seja, traduzir a palavra “asa” por “extremo”; pois o sentido então será: — **“quando as abominações chegarem a seu auge ou extremo”**; e o sentido será o mesmo se usarmos a palavra “expansão”. A intenção de Deus é mostrar-nos a situação extensa da contaminação — **“para cima, para baixo, de todos os lados, haviam obscurecido e sepultado a glória do templo”**. Daí, por conta do extremo ou expansão das abominações haveriam de ficar atônitos, pois todos ficariam

³ De acordo com os versículos 4, 18, 19, do capítulo 10, e do versículo 23, do capítulo 11 de Ezequiel: — A “glória do Senhor” partiu do templo por estágios: — primeiro, para a entrada da casa (v. 4), depois, sobre os querubins (v. 18), à porta oriental (v. 19); e finalmente para o Monte das Oliveiras (11:23), para o oriente (leste) da cidade — nota do revisor.





admirados. O anjo parece contrapor tal estupor à soberba; pois os judeus estavam totalmente persuadidos de Deus estar estritamente em obrigação para com eles e da impossibilidade de serem eles separados de seu próprio templo onde Deus fixara sua eterna habitação. Ele prediz a aproximação desse espanto em lugar de sua letárgica segurança.

Em seguida ele acrescenta: — **“E até a consumação”**. “כֶּלֶה”, “keleh”, significando “fim” e “perfeição”, tanto quanto “destruição”. Tomo a expressão aqui como equivalente a **“consumação”** ou **“destruição”**. Inundará ao ponto de causar perplexidade. Já observei que as palavras implicam esse assombro; matança, ou algo similar, deve ser subentendido antes do verbo. Não há dúvida alguma sobre a intenção do profeta. Ele diz que essa matança seria **“como um aguaceiro contínuo, consumindo todo o povo”**. Ele fala do povo como que pasmo ante suas calamidades e privado de toda e qualquer esperança de se escapar delas; pois a matança jorrará — **“como água”** — sobre o povo estarecido. Entrementes, ele mostra quão loucamente os judeus se deixaram dominar pela soberba e quão ilusoriamente se enganavam supondo que o Todo-Poderoso se comprometera protegê-los permanentemente, a eles e a seu templo visível. **“A matança jorrará até a consumação significa até que todo o povo perecesse”**. Ele acrescenta ainda outro substantivo: — **“até a um determinado fim”**. Já desvendamos o significado deste substantivo. Aqui o profeta explica a causa daquela eterna distinção que o Onipotente determinara e decretara ser irrevogável.

Paz e graça.

Pr. Me. Plínio Sousa⁴.

⁴ Revisor: — notas e significações.

